

# O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE A ESCOLA?

Ilka Miranda Fujino

## RESUMO

A escola ocupa papel de grande importância em nossa sociedade, o que faz com as crianças comecem a frequentar instituições escolares cada vez mais cedo. Esta pesquisa examina a percepção de crianças e adolescentes sobre o modelo escolar atual. Por meio de rodas de conversa, 17 crianças com idade entre 5 e 14 anos expressaram seus sentimentos sobre o contexto escolar. Os resultados mostraram que as crianças consideraram a escola importante, sendo essencial para um futuro promissor e local de socialização. Contudo, vivenciam-na como instituição que proporciona aprendizagens insatisfatórias, aulas sem sentido, excesso de conteúdo, cria desmotivação e exige cumprimento de regras.

**Palavras-chave:** escola; crianças; percepções

## 1 INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, a escola é considerada uma instituição que ocupa um papel importante na formação e educação das pessoas, como um dos ambientes em que a criança pode ter contato com um vasto campo de conhecimentos (Neto e Santos, 2017). Talvez por isso, cada vez mais cedo, as crianças começam a frequentar instituições escolares. São enviadas ainda bem pequenas a escolas, pré-escolas e creches a depender da necessidade e organização de cada família.

É comum ouvir crianças pequenas afirmarem que querem ir para a escola. Elas querem aprender o que as outras crianças aprendem. Querem fazer as atividades que os outros fazem. Elas ouvem dos mais velhos que é na escola que se aprende tudo. Entretanto, não é raro perderem essa vontade, assim que ingressam na escola ou ainda nos anos iniciais. E por que isso acontece? Por que muitas crianças e adolescentes não conseguem se interessar pelos estudos? E

quando dizem que não gostam da escola, o que revela esse não gostar? Do que elas não gostam, afinal? Será que estamos atentos ao que as crianças nos dizem ou pensamos sobre a escola?

Nas comunidades primitivas, o ensino acontecia de modo espontâneo pela convivência em grupo. Era uma educação informal que visava ao ensino das coisas práticas da vida em comunidade e tinha como foco a perpetuação de padrões culturais e a sobrevivência (Campos, 2014). Na sociedade europeia, a partir do século XVII, iniciou-se um movimento de mudança no modo de educação dos indivíduos. A família, que antes era o núcleo principal de educação dos filhos, passou a ser considerada incapaz dessa tarefa e a criança deixou de ser educada no coletivo da extensa família medieval, ficando aos cuidados de outras pessoas, em sua maioria, religiosos que tinham a tarefa de transmitir conhecimentos e saberes (Ariès, 1981).

A ideia de criança, como conhecemos hoje, não existia antes do século XVII. As crianças vestiam-se como adultos, trabalhavam como adultos, eram presas e torturadas como adultos, expostas a experiências sexuais, doenças e morte sem qualquer *status* especial (Ariès, 1981). Foi somente no século XVIII, com a crescente preocupação com higiene e controle das taxas de mortalidade infantil que as crianças começaram a ser reconhecidas à parte dos adultos. A criança foi associada, então, à inocência, à fraqueza, fragilidade e submissão, passando a ser cuidada, protegida e vigiada (Ariès, 1981). Viam-nas como seres incompletos e inacabados que dependiam de uma rígida tutela para que se tornassem adultos bem formados. Surgiu, assim, a escola, como espaço primordial de educação e de disciplina severa e determinante do tempo de duração da infância (Ariès, 1981).

Inicialmente, as escolas eram privilégio da nobreza e da burguesia e, com o advento da revolução industrial, houve a necessidade de se incluir outras classes; era preciso atender também aos operários no intuito de aumentar a produtividade de maneira domesticada, acomodando-os no novo contexto social, político e econômico. Esse modelo de escola surgido na era capitalista industrial se assemelha muito à escola dos dias atuais que se mantém como

uma das instituições mais importantes da nossa sociedade. A escola continua sendo um mundo à parte, separado da vida, de acesso controlado e de comunicação artificial, com ritos imutáveis e papéis rigidamente definidos. (Campos, 2014).

Como afirmam Tunes e Pedroza (2011), desde seu surgimento e no decorrer de vários séculos, a escola reina de forma absoluta. Por ser uma organização fortemente conservadora, acompanha com timidez as imensas transformações, decorrentes da ciência e da tecnologia, que acontecem na vida. É bem verdade que novas políticas e diretrizes educacionais são formuladas. Entretanto, na essência, a escola permanece a mesma. As autoras afirmam que

Ao chegar à escola pela primeira vez a criança já encontra toda sua vida preparada. O seu presente é aquele da soberania do ritual, da disciplina, da repetição, das normas, das avaliações, das hierarquias, do tempo certo. Enfim, um padrão de ser. O seu futuro é o da certificação, do bom sucesso, do lugar social, do trabalho incerto, mas dado como certo. Enfim, um padrão do vir-a-ser. A criança já é de todos sabida: a escola proclama, ruidosamente, quem ela é, quais são suas necessidades, o que deve fazer, o que não deve fazer, o que pode e o que não pode querer. A escola fala, mas não precisa ouvir. A criança não deve falar, mas somente ouvir: sua vida já lhe foi esculpida. (p. 28).

Autores contemporâneos como Foucault, Illich e Reimer criticam a educação institucionalizada. Eles comparam as escolas a instituições como hospitais, prisões, exército e hospícios, que agem de forma a domesticar totalmente a vida de seus membros, tornando-se mais uma ferramenta de controle social.

Para Foucault (1999), as instituições retiram compulsoriamente os indivíduos de seus espaços sociais e familiares e os internam durante longos períodos, moldando suas condutas, disciplinando seus comportamentos e pensamentos. As escolas normatizam o conhecimento sob a forma de disciplinas escolares e disciplinam os alunos, ajustando-os por meio de mecanismos como filas, classes, horários, uniformes, programas e avaliações. Aqueles que não se ajustam às normas ficam sujeitos ao castigo.

Illich (1985) critica radicalmente a obrigatoriedade escolar e a maneira como a educação é praticada nas economias modernas. Ele considera a educação institucionalizada e a instituição escolar como produtores de mercadorias, que têm um valor de troca determinado, numa sociedade em que os que mais se aproveitam do sistema dispõem de um capital cultural inicial. Para Illich, o prestígio da escola como provedora de serviços educacionais de qualidade se apoia em alguns mitos. O primeiro mito se baseia na crença de que o processo de escolarização produz algo que tem valor. A escola nos ensina que a instrução produz aprendizagem. No entanto, a aprendizagem é a atividade humana que menos necessita da intervenção de terceiros. “Sua maior parte não é resultado da instrução. É, antes, resultado de participação aberta em situações significativas.” (Illich, 1985, p.52) Outro mito é o de que a aprendizagem pode ser mensurada. Para ele, “quando as pessoas têm escolarizado na cabeça que os valores podem ser produzidos e mensurados, dispõem-se a aceitar qualquer espécie de hierarquização” (p.53). O mito dos valores empacotados encontra-se na ideia de que o currículo é um produto vendido pelas escolas. É um bem de consumo resultado de um processo do mercado moderno no qual o professor-distribuidor elabora e distribui e o aluno-consumidor compra. Por fim, há o mito do progresso autoperpetuável, segundo o qual a escola é um processo interminável e quem para ou se atrasa está em desvantagem.

Reimer (1979) define a escola como “uma instituição que exige a frequência de grupos etários específicos em classes, sob a supervisão de professores, para estudo de um determinado currículo.” (p.51) Para ele, as escolas infiltram as vidas e personalidades de seus estudantes, tornando-se a instituição mais dominante da vida do homem moderno durante seus anos de formação. Para ele, as escolas desenvolvem quatro atividades distintas: a tutela dos alunos, a seleção social, a doutrinação e a educação. A combinação dessas atividades torna a escola um efetivo instrumento de controle social. A tutela aparece com o argumento da necessidade de uma ponte entre a infância e o mundo adulto, transformando a criança em um ser responsável. As crianças precisam ser vigiadas e passar o tempo em um espaço destinado a esse fim,

para que o resto da sociedade possa realizar suas atividades de maneira proveitosa. A segunda função é a separação dos jovens em categorias sociais que irão ocupar mais tarde. Essa separação, segundo o autor, é um grande desperdício, já que a seleção profissional não é uma opção pessoal, mas uma questão de sobrevivência no sistema escolar. A terceira função da escola é a doutrinação, o ensinamento de valores. As escolas ensinam o valor da infância, o valor da competição para obtenção dos maiores prêmios, o valor de ser ensinado e não aprender por si mesmo. As crianças aprendem que é bom depender de terceiros que lhes ensinem e apenas o que é ensinado vale a pena. A quarta função da escola é a aprendizagem cognitiva que, embora considerada o principal propósito da educação escolar, pode ocorrer apesar do sistema escolar e não por sua causa.

Durante os vários anos trabalhando como professora de rede pública de ensino do Rio de Janeiro, Lara (1987), motivada a saber o por que das crianças não gostarem da escola, coletou aspectos do cotidiano escolar por meio de observações de alunos, professores e anotações de frases de alunos e trechos de discursos de diretores. Ela constatou que a maioria dos alunos é contra a exigência diária dos uniformes, da rigidez dos horários, detesta formar filas, ficar sentada por muito tempo e, como se isso tudo não bastasse, ter ainda que fazer os deveres de casa. Em seu estudo, essas foram algumas das questões mais apontadas pelos alunos como sendo as responsáveis por não gostarem da escola. Para a autora, a tendência uniformizante na escola, assim como em qualquer instituição, absolutiza o valor das normas, conferindo-lhes um valor educativo. As crianças vivem na escola a impossibilidade de escolher, de decidir, de inventar. Outros já decidiram por eles o que devem vestir, a sala onde ficarão, a professora e os colegas com os quais terão de conviver, como ou com o que ocuparão seu tempo.

Lara (1987) observou também que as crianças percebem que tudo o que os adultos dizem a respeito da escola não é bem a verdade, que a instituição escolar faz muitas promessas que ela própria não pode cumprir. Ouvem o tempo todo que a escola é o caminho para se entrar no mundo do trabalho, para

se ocupar postos bem remunerados, para ser alguém na vida. No intuito de mostrar às crianças a importância de se ir para a escola, os adultos usam muitas vezes de encorajamentos do tipo "Estuda, senão você vai virar lixeiro!" ou "Estuda, senão você vai virar morador de rua." E as crianças, então, vão para a escola porque não querem recolher lixo nem morar na rua. Entretanto, olham em volta e vêm muitas pessoas que já estudaram vários anos e, mesmo assim, ainda estão batalhando um emprego. Vêm muitos outros aceitando qualquer trabalho porque não podem ficar desempregados. Diante disso, a autora entende que as crianças têm a nítida impressão de que estão sendo enganadas.

Outro ponto trazido por Lara (1987) como fator de desinteresse das crianças pela escola é a maneira como nela se aprende o saber. Para a autora, desde os primeiros anos de suas vidas, as crianças têm uma grande curiosidade de entender os fenômenos com os quais se deparam na natureza e os acontecimentos da vida social. Elas observam, perguntam, guardam as respostas e elaboram para si próprias uma interpretação dos fatos e, depois de algum tempo, querem saber mais. Entretanto, para a autora, elas começam a perceber que muitas vezes suas perguntas ficam sem respostas e acabam se dando conta de que o mundo ficou fora da escola e dentro da sala de aula só há gravuras e letras. Só lhes resta, então, trabalhar com o abstrato. Além disso, as perguntas e a sede do saber precisam aguardar o momento certo: "Mais tarde vocês aprenderão sobre isso." Na escola, nada se liga ao presente. Não há o agora. Ela parece estar voltada apenas para o futuro. A autora conclui, então, que, "se o mundo está lá fora e as perguntas devem ser deixadas para depois, o que é então que vai realimentar o interesse e a vontade das crianças durante os anos escolares?" (Lara,1987, p.27).

Mundim (2017) investigou a crise da educação contemporânea sob a perspectiva da prevalência de um falso discurso humanista. A autora entrevistou alunos do ensino médio de duas instituições de ensino de Brasília-DF e o que se confirmou foi a naturalização de situações de opressão no contexto escolar. As falas dos alunos foram agrupadas pela autora em três categorias principais: a ideologização, a prescrição e a doutrinação. Os

resultados obtidos permitiram verificar que, no campo da ideologização, o que se destaca é a separação do mundo concreto do mundo abstrato, o que implica um desajuste, uma dissociação das ações escolares das atividades da vida. A prescrição funciona como receita, determina normas, regras e padrões e a doutrinação implica uma ordem permanente, um treinamento. “É preciso estar acostumado, banalizar, naturalizar, amoldar, preparar para exame, instituir, moralizar, civilizar, treinar, disciplinar.” (p. 66). Assim, o que se constatou é exatamente o oposto da liberdade pregada pelo discurso humanista. Os espaços de escolarização têm, na verdade, se caracterizado por apresentar diversas situações desumanizantes.

Para Mundim (2017), o modelo escolar humanista, que apresenta uma promessa libertadora do homem, parece, na verdade, aprisioná-lo em uma vida programada. Na escola, tudo deve ser encaixado nas grades curriculares. A escola monopoliza a educação, toma o controle, impondo o modelo e lança, assim, pais e crianças ao mundo programado pelo currículo. Conforme essa lógica escolarizada, os indivíduos não estariam aprendendo e sim se adaptando a um modelo educacional no qual o aluno não aprende, ele precisa apenas avançar as etapas dentro de um sistema e, como consequência, temos um modelo de mundo forjado pela imposição de um tipo de conhecimento que molda comportamentos e abafa o processo criativo.

Em um estudo realizado com estudantes num centro universitário do Distrito Federal, Neto e Santos (2017) investigaram as memórias do tempo de escola, utilizando o método de pesquisa do tipo narrativa, em que autobiografias e narrativas individuais são utilizadas para produzir conhecimento relacionado ao fenômeno educacional. Os resultados desse estudo indicam que a maior parte das memórias dos participantes faz menção à dimensão relacional, em que são enfatizadas as relações estabelecidas com alunos e professores e à dimensão lúdica, em que se encontram as brincadeiras, gincanas, festas, bem como as atividades desportivas. As melhores memórias escolares relatadas, portanto, não remetem à questão de aprendizagem,

supervalorizada pelos educadores, mas sim ao processo de socialização e de atividades livres que ocorrem na escola.

Não restam dúvidas de que a sociedade está cada vez mais subordinada aos processos de escolarização. Crianças e adolescentes permanecem cada vez mais tempo confinados em salas de aula, presos à crença de que escola é sinônimo de aprendizagem e garantia de sucesso e ascensão social. Os alunos são obrigados a cumprir um currículo padronizado, pautado no futuro e orientado para o mercado de trabalho, o que para eles ainda é uma realidade distante. Tunes (2011) afirma que a escola perde completamente o sentido na vida das pessoas se o seu modelo pedagógico se distancia da realidade realmente vivida. Para a autora, a educação vivencial, em que todos compartilham o saber, ancora-se na vida concreta e, por isso, em um ambiente escolarizado regido por normas e regras, a convivencialidade é quase inexistente. Para Pederiva (2011), a educação enraizada na vida real é essencial para que as crianças se tornem verdadeiramente ativas e criadoras, já que é ao realizar uma atividade real que elas entendem o significado dos procedimentos que são parte de um todo

Para Lara (1987), desde muito pequenas, todas as crianças demonstram uma enorme sede de conhecer e entender o que se passa no mundo que as cerca. Todavia, essa vontade de conhecer e experimentar não é satisfeita na escola e pode até mesmo se apagar ao longo da vida acadêmica: "A medida que transcorrem os anos de sua formação acadêmica percebemos uma perda progressiva da engenhosidade e da originalidade, uma maior banalidade na comunicação, uma intensificação do medo do ridículo." (Patto, 1997, p.369). Não é de surpreender, portanto, que as crianças deixem de gostar da escola ainda nos anos iniciais, já que são obrigadas a se adaptar a um modelo de ensino padronizado que não respeita seus interesses, anseios e o modo como querem aprender.

Em vista do que foi até aqui apresentado, definiu-se como objetivo da presente pesquisa ouvir os alunos, já que são eles os principais envolvidos nos



processos educacionais, para obter informações sobre seus sentimentos, percepções e concepções em relação ao modelo escolar atual.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participaram da pesquisa dezessete crianças com idades que variaram entre cinco e quatorze anos. Todas as crianças até o momento da pesquisa se encontravam matriculadas na escola, sendo cinco na rede pública de ensino e doze na privada. O contato com os participantes ocorreu por meio de um grupo de amigos com filhos que atendiam aos critérios de seleção dos participantes e se estendeu a outras crianças indicadas por esse grupo de pais. Após serem informados sobre a pesquisa e seus objetivos, os pais das crianças deram autorização para a participação, dando-se início à coleta de dados.

Optou-se pela coleta de dados em rodas de conversa entre as crianças e a pesquisadora por permitirem a interação entre as crianças, permitindo-lhes manifestarem e expressarem seus sentimentos. Para Moura e Lima (2014), “as rodas de conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinado tema em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo.” De acordo com as autoras, as rodas de conversa podem ser utilizadas como instrumento de pesquisa desde que aconteçam em um ambiente propício para o diálogo em que todos se sintam à vontade para partilhar e escutar. As falas de cada participante, em geral, resultam da interação com o outro, seja para concordar, complementar ou discordar de alguém.

Os participantes foram divididos em dois grupos. O Grupo 1 contou com 8 crianças com idade entre 5 e 9 anos e o Grupo 2 foi composto por 9 crianças com idade entre 10 e 14 anos. Cada roda de conversa teve duração aproximada de vinte e cinco minutos e foi realizada apenas uma vez com cada grupo. A primeira ocorreu na área térrea do prédio em que reside a pesquisadora e a segunda, na área térrea do prédio em que residia um dos participantes; ambos localizam-se na Asa Norte, no Plano Piloto de Brasília-DF.

Embora as rodas de conversa tenham sido guiadas por um roteiro com perguntas previamente elaboradas, em alguns momentos foi preciso reformular as perguntas de forma que houvesse melhor entendimento pelas crianças. Além disso, foi esclarecido para elas que tinham liberdade para conversar sobre qualquer assunto relacionado à escola.

Antes de iniciar as conversas, algumas crianças já se mostravam curiosas por saber o motivo de estarem reunidas ali. Foi explicado que se tratava de um trabalho de pesquisa e que, se concordassem, deveriam conversar sobre a escola. Isso provocou algumas expressões de espanto, já que se encontravam fora do ambiente escolar. Nesse momento inicial, foram recorrentes perguntas do tipo: Por que você quer saber sobre a minha escola? Você é professora? Por que você ainda estuda? Onde você estuda? Todas as indagações, dúvidas e curiosidades das crianças foram respondidas e, em seguida, foi lançada a primeira questão: Vocês gostam da escola?

As conversas foram orientadas pelo roteiro mostrado a seguir.

1. Vocês gostam da escola?
2. O que vocês mais gostam na escola?
3. O que vocês não gostam na escola?
4. O que vocês acham que poderia ter na escola que não tem?
5. O que vocês mudariam na escola?
6. Falem um pouco sobre a sala de aula.
7. Como são os professores?
8. Como seria para vocês a melhor escola do mundo?
9. O que vocês acham do tempo que passam na escola?
10. Vocês acham importante ir para a escola? Por que?

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As conversas foram todas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas e categorizadas, sendo em vista a questão ou o tema examinado, buscando-se identificar as respostas mais recorrentes no Grupo 1 e no Grupo 2, como mostram as Tabelas 1 e 2.

No Grupo 1, seis crianças responderam prontamente que sim à pergunta 1, isto é, que gostavam da escola e duas crianças responderam que não. No Grupo 2, seis crianças responderam que sim e três, que não.

Questionadas sobre o que mais gostavam na escola, as respostas mais recorrentes para o Grupo 1 foram o recreio e o parquinho e, para o Grupo 2, foi brincar com os amigos. Assim, as crianças reconheciam a importância dos espaços escolares para a brincadeira e o encontro com os amigos.

**Tabela 1-** Frequência de respostas das crianças dos Grupos 1 e 2 às perguntas de 1 a 6

Questões	Grupo 1		Grupo 2	
1. Vocês gostam da escola?	Sim (6) Não (2)		Sim (6) Não (3)	
2. O que vocês mais gostam na escola?	Recreio (3) Parquinho (3) Piscina (1) Aula de matemática (2) Jogar bola (1)	Aulas (1) Professores (1) Ciências (1) Ed. Física (1)	Recreio (2) Ed. Física (1) Jogar bola (1) Brincar com os amigos (3)	Estudar (1) Ver meus amigos (2) Professores (1)
3. O que vocês não gostam na escola?	Fazer tarefa (1) Ler (1) Aula de português (3)	Copiar do quadro (1) Provas (1) Um colega da sala (2)	Estudar (4) Dever de casa (2) Aulas (2)	Prof. de português (1) Prof. de artes (1) Um colega da sala (1)
4. O que vocês acham que poderia ter na	Campo de futebol (1) Piscina (1)	Cama (1) Aula de jiu-jitsu/karatê	Piscina (2) Mais lanchonetes	Aula de robótica (2) Aula de

escola que não tem?	(2)	(1) Mais atendentes na cantina (1) Mais esportes (1) Aula de informática (1)	música (1) Aula de violino (1)
5. O que vocês mudariam na escola?	Tiraria aula de história (1) Querida aula dupla de História (1) Querida aula dupla de Ed. Física (1)	As regras da escola (1) Tiraria aula de sociologia (1) Tiraria aula de gramática (1) Tiraria aula de história (4)	Tiraria aula de português (1) Tiraria aula de geografia (3) Tiraria aula de espanhol (3) Só deixaria ciências (1)
6. Como é na sala de aula?	Tem muitos alunos (1) Os alunos fazem bagunça (1)	Querida ventilador/ar-condicionado (2) Querida cadeiras mais confortáveis (1)	

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Grupo 1 apontou a aula de português como a atividade de que menos gostava na escola, e o Grupo 2, a de estudar. Neste grupo, seguiram-se o dever de casa e as aulas, de um modo geral. É curioso que, em ambos os grupos, quase todas as respostas guardam relação com as disciplinas escolares.

Ao perguntar se gostariam de mudar algo na escola, quase todas as respostas estavam relacionadas a mudanças nas disciplinas escolares; apenas uma referiu-se às regras da escola.

Em relação à estrutura geral e a organização da escola, as crianças de ambos os grupos relataram o que faltava na escola, o que elas gostariam que ela oferecesse e manifestaram o desejo de que a escola se ajustasse às suas necessidades, tornando o ambiente mais atrativo e motivador. Eis alguns exemplos das falas:

*P. 9 anos: Queria que tivesse uma piscina.*

*F. 9 anos: Queria um campo de futebol bem grande.*

*I. 10 anos: Poderia ter mais ventiladores.*

*G. 12 anos: As cadeiras poderiam ser mais confortáveis.*

*C. 14 anos: Precisa de mais gente na cantina, porque demora muito.*

**Tabela 2** - Frequência de respostas das crianças dos Grupos 1 e 2 às perguntas de 7 a 10.

7. Como são os professores?	Alguns são legais (2) Gosto de alguns (3) Só gosto de um (1)	São chatos (4) Poderiam ensinar de outras maneiras (2) Não deixam fazer nada (2)	
8. Como seria para vocês a melhor escola do mundo?	Teria uma cama (1) Teria piscina (1) Teria um tobogã (1) Teria menos tarefas (1) Teria mais aulas práticas (1)	Teria mais recreio (3) Teria mais esportes (2) Teria aula de karatê (1) Teria aula de robótica (1)	Teria piscina (1) Teria um aprendizado melhor (1) Poderia levar eletrônicos (1) Teria mais férias (1) Não teria dever de casa (1) Lanche de graça (1) Prova uma vez por ano (1) Provas mais fáceis (1) As matérias deveriam ser optativas (2)
9. O que acham do tempo que passam na escola?	Acho que está bom (2) Queria mais tempo (3)	Queria menos tempo (2)	Acho que está bom (3) Queria mais tempo (4) Queria mais tempo de recreio (2)

10.Vocês acham importante ir para a escola? Por que?	Sim (7)	Para estudar (1)	Sim (9)	Não (0)	Para passar no vestibular/Enem (3)
	Não (1)	Para ganhar dinheiro (1)	Para ter um trabalho no futuro (3)	Para aprender (4)	Porque estimula o raciocínio (1)
	Prefiro ficar em casa (1)	Para encontrar meus amigos (1)	Para não ser uma pessoa que mora na rua (2)		Para melhorar a educação do mundo (1)
	Para ter um futuro bom (1)	Para não ser uma pessoa que mora na rua (1)			
	Para aprender (3)				

Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre o período que passam na escola, conforme mostra a Tabela 2, questão 9, algumas crianças mostraram-se satisfeitas e outras disseram que queriam mais tempo. Entretanto, a fala das crianças que queriam mais tempo está fortemente ligada ao fato de que não lhes sobrava tempo para brincar:

*I. 10 anos: Queria mais tempo de aula porque aí a gente teria mais uns dias de férias.*

*J. 12 anos: Acho que tem pouco tempo de recreio, 15 minutos é pouco.*

*P. 11 anos: Queria o dobro de tempo do recreio.*

*M. 7 anos: Eu queria mais tempo por que não dá tempo de brincar.*

*P. 9 anos: Eu queria menos tempo de aula e mais recreio.*

Quando questionados sobre o que pensavam sobre os professores (questão 7), algumas crianças não souberam ou não quiseram responder. No Grupo 1, não apareceram críticas aos professores, mas no Grupo 2, das 9 crianças, 8 apresentaram críticas:

*A. 13 anos: Eles tentam fazer o melhor pra gente, mas de um jeito ruim. Acho que eles tentam ensinar a matéria certa da maneira errada. Às vezes os*

*professores ensinam de um jeito que não fixa na nossa cabeça. Poderiam ensinar de outras maneiras pra fixar melhor.*

*P. 11 anos: Odeio a professora de Artes. A de Português também é muito chata, não deixa fazer nada.*

*J. 12 anos: São muito chatos. Reclamam de tudo.*

*I. 11 anos: Tem seis aulas que adoro porque os professores são bem legais.*

Ao pedir que as crianças imaginassem como seria a melhor escola do mundo (pergunta 9), deixaram claro o desejo por um espaço que não se reduzisse às aulas teóricas dentro de salas de aula:

*P. 10 anos: Seria uma escola com um aprendizado melhor, com outros tipos de aula, aula que a gente pode fazer.*

*P. 9 anos: Teria um tobogã, piscina e três recreios. Também aula de robótica.*

*I. 11 anos: Seria uma escola que pudesse levar eletrônicos. Também queria que as provas fossem mais fáceis.*

*G. 9 anos: Teria mais esportes e o recreio seria maior.*

*F. 9 anos: Eu queria aula de karatê por 5 horas, ia ser muito legal.*

Questionadas se achavam importante ir para escola, a resposta sim foi quase unânime; apenas uma criança do Grupo 1 respondeu que não achava importante. As respostas mais recorrentes para explicar a importância de se frequentar a escola foram: para aprender, para ter um trabalho no futuro, para passar no vestibular e para não ser uma pessoa que mora na rua:

*D. 5 anos: Não acho importante. Porque tem muita tarefa. Prefiro ficar em casa.*

*C. 14 anos: Acho importante sim, porque é o que vai dar uma base para nosso conhecimento e pra passar no vestibular.*

*G. 12 anos: Acho importante porque você aprende as coisas que vai ter que saber no seu trabalho, também pra fazer o Enem. Na escola a gente também se socializa.*

*P. 9 anos: Sim, pra estudar e ter um futuro bom.*

*F. 9 anos: Sim. Pra ganhar dinheiro e não ser uma pessoa que mora na rua.*

*G. 12 anos: Pra ter um trabalho bom no futuro. Não ficar largado na rua.*

*G. 9 anos: Acho sim, porque sem a escola não aprenderíamos nada.*

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar de significativas mudanças, o modelo escolar vigente mostra-se ainda ultrapassado, parece não acompanhar as transformações do mundo moderno e mantém sua solidez como uma instituição de controle e disciplina.

Pelas falas das crianças foi possível perceber que elas gostam de frequentar a escola, já que para elas, além de lugar de aprendizado, ela é, principalmente, lugar para a brincadeira e para a socialização. Entretanto, sentem-se desmotivadas, pois se percebem entre uma escola controladora, pautada pelas disciplinas escolares e um forte discurso de que é a única esperança de um futuro promissor.

É preciso uma escuta mais atenta ao que as crianças e adolescentes dizem sobre a escola. Em suas falas aparentemente rebeldes, é possível perceber ideias interessantes que podem contribuir para novas reflexões e ações educativas, contribuindo para a construção de uma escola na qual o conhecimento não seja apenas transmissão de conteúdo e que seja um espaço para a vivência, para a experimentação, para o questionamento e para a criatividade. Uma escola capaz de acolher e desenvolver as potencialidades de todos.



## REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. (1981) *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC.
- CAMPOS, N. F. (2014) *A experiência das crianças em uma escola democrática: olhares e interpretações*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- FOUCAULT, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20ª Edição. Petrópolis: Vozes.
- ILLICH, I. (1985) *Sociedade sem escola*. Petrópolis: Vozes.
- LARA, L. C. (1987) *Por que as crianças não gostam da escola?* Tese de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Rio de Janeiro.
- MOURA, A. F. e LIMA, M. G. (2014) *A Reinvenção Da Roda: Roda De Conversa: Um Instrumento Metodológico Possível*. *Temas em Educação*, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun.
- MUNDIN NETO, J. (2017) *A crise da educação contemporânea e a escola: o que paira sobre o chão que pisamos?* Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- NETO, I. L. e SANTOS, H. B. (2017) *Investigação das memórias escolares de estudantes universitários*. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, V.21, n.3, p. 561-571, set-dez.
- PATTO, M. H. (1997) *Introdução a Psicologia Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- PEDERIVA, P. L. M. (2011) *A escolarização da atividade musical*. In: Tunes, Elizabeth (Org.) *Sem Escola, sem documento*. Rio de Janeiro: E-Papers. p.71-83.
- REIMER, E. (1979) *A escola está morta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- TUNES, E. (2011). *É necessária a crítica radical à escola?* In: Tunes, Elizabeth (Org.). *Sem escola Sem Documento*. Rio de Janeiro: E-Papers, p.9-14.
- TUNES, E. e PEDROZA, L. P. (2011) *O silêncio ou a profanação do outro*. In: Tunes, E. (Org.) *Sem Escola, sem documento*. Rio de Janeiro: E-Papers. p. 15-29.